



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

ESTRATÉGIAS DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: BASES PARA A ALFABETIZAÇÃO

DOI: 10.56579/eduinterpe.v2i1.3732

Marcos Paulo Silva Rocha¹; José Fabiano Costa Justus²

¹ Mestrando em Educação Inclusiva pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Processos de Aprendizagem GEP- ProA.

E-mail: marcospaulo.silvarocha.uepg.t5@gmail.com.

² Doutor em Clínica Cirúrgica pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: jfcjustus@uepg.br.

RESUMO: O presente estudo analisa a implementação da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) no Atendimento Educacional Especializado (AEE) como suporte determinante para a aquisição de habilidades fundamentais à alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O objetivo central consiste em investigar como intervenções baseadas em evidências científicas estruturam repertórios de prontidão acadêmica. Metodologicamente, realizou-se uma revisão narrativa de literatura, consultando bases de dados como CAPES e BDTD, com recorte temporal entre 2020 e 2026. Os resultados indicam que a sistematização do ensino por meio de reforço positivo e análise de tarefas no AEE potencializa o engajamento e a redução de barreiras de aprendizagem. A discussão evidencia que a articulação entre a ciência do comportamento e a prática pedagógica oferece suporte individualizado indispensável ao desenvolvimento cognitivo. Conclui-se que o uso da ABA mediado por professores capacitados é essencial para garantir a inclusão efetiva e o sucesso no letramento desses estudantes.

Palavras-chave: Práticas Inclusivas; Processos Cognitivos; Sala de Recursos; Desenvolvimento Comportamental.

INTRODUÇÃO

A garantia de uma educação inclusiva para estudantes com Transtorno do Espectro Autista exige que as instituições superem a barreira da integração física para alcançar o desenvolvimento acadêmico real. Conforme discutem Barcelos da Silva *et al.* (2022), o processo de alfabetização para esse público requer um olhar sensível às particularidades do desenvolvimento, uma vez que déficits na comunicação social impõem obstáculos severos ao aprendizado formal. Nesse cenário, o Atendimento Educacional Especializado atua como o suporte técnico necessário para que o aluno consiga acessar o currículo da sala regular com equidade e funcionalidade.

A aplicação dos princípios da ciência ABA no ambiente escolar oferece uma estrutura robusta para o ensino de habilidades que precedem a leitura e a escrita. De acordo com os argumentos de Sousa *et al.* (2026), a ciência do comportamento não deve ser vista como um método isolado, mas como um conjunto de estratégias pedagógicas que aumentam a previsibilidade e a eficácia do ensino. Ao transpor os procedimentos de reforço e controle de estímulos para o AEE, o professor consegue criar condições favoráveis para que o estudante desenvolva a prontidão necessária para o letramento.



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

A problemática central da inclusão escolar reside na distância entre os documentos legais e a prática docente efetiva dentro das Salas de Recursos Multifuncionais. Para Andrade, Targino e Lemos (2022), a formação de professores é o elemento articulador que permite que as políticas públicas se transformem em avanços reais no desempenho dos alunos. Sem uma fundamentação baseada em evidências, o atendimento especializado corre o risco de tornar-se meramente assistencialista, falhando em sua missão de promover autonomia e competências acadêmicas sólidas para o indivíduo com autismo.

Este artigo propõe-se a debater as estratégias da ABA que alicerçam a alfabetização no contexto do AEE, utilizando uma abordagem crítica e dialogal com a literatura produzida nos últimos anos. A relevância deste debate sustenta-se na necessidade de instrumentalizar o professor com ferramentas que possuam validade científica comprovada. O foco recai sobre o desenvolvimento de repertórios básicos, entendendo que a alfabetização é o resultado final de um encadeamento de comportamentos que precisam ser sistematicamente ensinados e reforçados no ambiente escolar.

METODOLOGIA

A presente investigação configura-se como uma revisão narrativa de literatura, buscando sintetizar conhecimentos e promover uma reflexão argumentativa sobre a interseção entre a análise do comportamento e a Educação Especial. Este formato permite uma análise qualitativa, em que se busca dialogar com os principais teóricos da área para compreender as nuances das práticas pedagógicas atuais. O método justifica-se pela necessidade de organizar o corpus teórico existente sobre a aplicação da ABA no suporte à alfabetização em ambientes inclusivos.

O levantamento bibliográfico foi realizado de forma criteriosa em portais de relevância acadêmica, priorizando o Portal de Periódicos da CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, a Scielo (Scientific Electronic Library Online), e o Google Acadêmico. O recorte temporal definido compreende o intervalo entre os anos de 2020 e 2026, garantindo o acesso às discussões mais recentes e às pesquisas de ponta sobre intervenções comportamentais no AEE. Esta escolha temporal assegura que os dados reflitam os desafios e as inovações das práticas educacionais de vanguarda.

As buscas foram estruturadas mediante o uso de termos técnicos precisos e operadores lógicos para refinar os resultados obtidos nas plataformas digitais. Foram selecionados trabalhos que



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

abordassem diretamente a operacionalização de estratégias de ensino voltadas para alunos com autismo, com foco específico em habilidades pré-acadêmicas. A análise documental incluiu teses, dissertações e artigos científicos que oferecem subsídios teóricos e práticos para a atuação em Salas de Recursos Multifuncionais, respeitando a diversidade de contextos escolares brasileiros.

Após a seleção do material, os textos foram submetidos a uma leitura analítica e interpretativa. A organização das informações buscou identificar padrões de sucesso nas intervenções e os principais desafios relatados pela literatura científica.

A CIÊNCIA DO COMPORTAMENTO COMO ALICERCE DO AEE

A utilização de reforço positivo no Atendimento Educacional Especializado (AEE) constitui a base primordial para o engajamento de estudantes com necessidades específicas de aprendizagem. Segundo a perspectiva de Sousa (2024), a identificação de itens e atividades de interesse é o que permite ao professor estabelecer uma relação de confiança e motivação com o aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nesse sentido, quando o ambiente escolar oferece consequências satisfatórias para o esforço do aprendiz, a frequência dos comportamentos de estudo tende a aumentar significativamente, transformando a percepção do aluno sobre a escola em um local de conquistas.

Para que esse reforço seja efetivo, no entanto, é preciso que as exigências pedagógicas estejam alinhadas à capacidade atual do estudante. Sob essa ótica, a estruturação das atividades por meio da análise de tarefas permite que o professor do AEE fragmente objetivos complexos em etapas acessíveis. Conforme argumentam Milan *et al.* (2022), essa decomposição é fundamental para que o aluno não se sinta sobrecarregado por demandas que ainda não possui repertório para cumprir integralmente. Dessa forma, ao celebrar e reforçar cada pequeno avanço, o professor constrói uma trajetória de sucesso que previne a frustração, especialmente no ensino de habilidades fundamentais à alfabetização, que exige paciência técnica e planejamento minucioso.

Somada à fragmentação das tarefas, a previsibilidade ambiental proporcionada por rotinas visuais surge como um elemento que favorece a regulação emocional e o foco atencional. Na visão de Maciel (2024), o uso de suportes visuais no AEE auxilia a criança a compreender a sequência de eventos, reduzindo a ansiedade provocada pela incerteza. Consequentemente, estudantes que compreendem o que se espera deles conseguem canalizar seus recursos cognitivos para o aprendizado



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

das competências pré-alfabetizadoras. A organização do espaço e do tempo configura-se, portanto, como uma estratégia comportamental que facilita a transição entre atividades pedagógicas.

Contudo, além da organização do ambiente, é fundamental o desenvolvimento de competências de base. O ensino de habilidades de imitação e seguimento de instruções deve, por conseguinte, preceder qualquer tentativa de ensino formal de leitura e escrita. Barbosa (2025) defende que esses repertórios básicos são o que permitem ao aluno aprender por observação e participar ativamente das interações em sala de aula. Sem a capacidade de replicar modelos ou responder a comandos simples, a criança encontra-se isolada do fluxo de aprendizagem coletivo; daí a importância de o AEE atuar na consolidação desses comportamentos, que funcionam como pré-requisitos para a inclusão produtiva.

A eficácia dessas intervenções no AEE é amplificada quando há integração entre a escola e o núcleo familiar, componente decisivo para que os ganhos obtidos não se limitem à sala de recursos. De acordo com Marsura *et al.* (2022), a colaboração sistemática entre pais e educadores permite que as contingências de reforço sejam aplicadas de forma consistente em diferentes contextos, acelerando a generalização de habilidades. Assim, quando a família compreende a função dos comportamentos, o aluno passa a ter um suporte contínuo que favorece a manutenção dos repertórios aprendidos, garantindo que as estratégias pedagógicas e terapêuticas caminhem na mesma direção.

Nesse cenário de colaboração, a superação de barreiras exige ainda que o professor domine técnicas de manejo para transformar comportamentos interferentes em oportunidades de aprendizado socialmente aceitáveis. Conforme pondera Rosa (2022), a intervenção fundamentada na Análise do Comportamento Aplicada (ABA) não busca o controle pelo controle, mas a substituição de respostas inadequadas por formas de comunicação mais funcionais. Ao adotar esse olhar analítico, o professor identifica se o comportamento tem função de fuga, atenção ou acesso, ajustando o ambiente para reduzir a frustração do aluno e tornando-o mais apto a enfrentar os desafios da base curricular nacional.

Depreende-se, portanto, que, a promoção da autonomia do aluno com TEA está intrinsecamente ligada à qualidade dos estímulos e à forma como o conteúdo é apresentado. Na visão de Almeida (2024), a aplicação de métodos científicos garante que a criança seja uma participante ativa de sua evolução cognitiva, e não apenas uma receptora passiva. Nesse prisma, estratégias que respeitam as singularidades sensoriais criam um ambiente ético e menos aversivo, onde a ciência do



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

comportamento remove o caráter mecânico do ensino e foca na construção de competências para a liberdade social.

Cabe ressaltar que a intervenção precoce baseada em evidências, desde a creche e educação infantil, é o caminho mais seguro para evitar o agravamento de déficits acadêmicos. Moraes (2024) sustenta que propostas estruturadas desde os primeiros anos preparam a base para uma alfabetização sem traumas. Portanto, o compromisso com uma educação baseada em dados e protocolos de registro é o que assegura a transformação de intenções inclusivas em resultados práticos de desenvolvimento humano.

ESTRATÉGIAS PARA A PRONTIDÃO À ALFABETIZAÇÃO

A aquisição de competências pré-alfabetizadoras exige que o professor utilize dicas e suportes que facilitem a resposta correta do aprendiz. De acordo com as discussões de Sois (2025), a retirada gradual dessas dicas é essencial para que o aluno alcance a autonomia e não se torne dependente do auxílio do docente. Nesse contexto, a ciência ABA oferece protocolos claros de como inserir e retirar esses apoios de forma que a aprendizagem ocorra sem erros. Essa precisão técnica é o que diferencia, portanto, uma prática baseada em evidências de uma tentativa pedagógica aleatória.

Aliada a essa precisão técnica, a comunicação suplementar e alternativa desempenha um papel libertador para estudantes que possuem limitações na fala funcional. Maciel (2024) sustenta que oferecer meios para que o aluno se expresse é o primeiro passo para o seu letramento e inserção social plena. Ao viabilizar essa expressão por meio de símbolos e pastas de comunicação, o professor do AEE abre portas para que o conhecimento acadêmico seja demonstrado de formas diversificadas. A alfabetização começa, dessa maneira, pela compreensão de que símbolos carregam significados e que a comunicação é uma ferramenta poderosa de ação.

Complementarmente ao uso de suportes físicos de comunicação, o emprego de tecnologias assistivas e aplicativos móveis tem se mostrado um recurso eficaz para aumentar o tempo de atenção em tarefas pedagógicas. Santos Neto (2024) argumenta que a gamificação e o feedback imediato dos recursos digitais são altamente atrativos para o perfil cognitivo de muitos alunos com autismo. Tais dispositivos devem ser integrados ao planejamento do AEE como facilitadores do ensino de fonemas, letras e associação entre imagem e palavra, visto que a tecnologia, quando bem direcionada, potencializa as estratégias comportamentais tradicionais de ensino.



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

A integração de todos esses recursos culmina na formação de classes de equivalência, um conceito da ABA que explica como o aluno passa a relacionar estímulos diferentes sem ensino direto. Conforme explicam Sousa *et al.* (2026), ao ensinar que a palavra escrita e a figura representam o mesmo objeto, o professor estimula a emergência de novas habilidades de leitura. Esse fenômeno cognitivo-comportamental é, em última análise, a chave para uma alfabetização mais rápida e profunda no contexto da Educação Especial, tornando o AEE o laboratório onde essas relações simbólicas são cuidadosamente construídas e reforçadas.

DESAFIOS DA IMPLEMENTAÇÃO E FORMAÇÃO DOCENTE

Ademais, convém destacar que a carência de formação específica em análise do comportamento entre os professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) constitui um entrave significativo para a evolução dos alunos. Para Barbosa (2025), é urgente que os programas de capacitação utilizem modelos de treinamento baseados em competências práticas e não apenas em teorias abstratas. Nesse sentido, o professor precisa saber observar, registrar e intervir com base em dados coletados no cotidiano escolar para ajustar suas estratégias, uma vez que a ciência ABA exige uma postura de professor-pesquisador que analisa constantemente a eficácia de sua própria prática.

Entretanto, para que a atuação desse professor seja plenamente efetiva, é indispensável a articulação entre a Sala de Recursos e a sala de aula regular, sendo este o fator que define o sucesso da política de inclusão escolar. Barcelos da Silva *et al.* (2022) ponderam que o isolamento do professor de AEE limita as chances de generalização das habilidades aprendidas pelo estudante. Dessa forma, é necessário que as estratégias de reforço e os suportes visuais utilizados no atendimento especializado também estejam presentes no ambiente comum. Essa coerência pedagógica permite que o aluno aplique o que aprendeu em diferentes contextos e com diferentes pessoas.

A par dessa integração pedagógica, o sucesso da inclusão também depende do manejo de comportamentos que interferem na aprendizagem, o qual requer uma compreensão funcional das ações do aluno dentro da escola. Segundo Andrade, Targino e Lemos (2022), punições ou medidas disciplinares tradicionais costumam ser ineficazes e prejudiciais ao desenvolvimento de crianças com TEA. Em contrapartida, a alternativa científica reside na identificação do que mantém o comportamento e no ensino de uma habilidade socialmente aceitável que cumpra a mesma função. O



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

AEE deve ser, portanto, o espaço prioritário para esse ensino de repertórios de substituição e regulação.

Por fim, a sustentação de todas essas estratégias depende de uma avaliação contínua do progresso, marca registrada da intervenção ABA que deve ser incorporada à rotina pedagógica. Sousa (2024) destaca que gráficos e registros de desempenho permitem ao educador visualizar avanços que muitas vezes passam despercebidos na observação subjetiva. Sob essa perspectiva, ter clareza sobre a evolução do aluno na identificação de grafemas ou na consciência fonológica orienta os próximos passos do Plano Educacional Individualizado (PEI). A tomada de decisão baseada em dados confere, em última instância, profissionalismo e ética ao trabalho realizado na Educação Especial.

O PAPEL DO AEE NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA

A transição para a alfabetização formal depende da consolidação de habilidades de prontidão que envolvem, primordialmente, a coordenação motora e o rastreo visual. Conforme discutido por Santos Neto (2024), atividades que utilizam telas interativas podem auxiliar no refinamento desses movimentos necessários para a escrita posterior. Nesse contexto, cabe ao professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) equilibrar o uso de recursos de alta e baixa tecnologia, garantindo que o aluno desenvolva todas as dimensões da competência acadêmica. Ademais, a diversificação desses estímulos é estratégica, pois previne a perda de engajamento e mantém o interesse do aprendiz elevado ao longo do processo.

Paralelamente ao desenvolvimento motor, a evolução da linguagem receptiva constitui o alicerce que sustenta a compreensão de textos e enunciados futuros. Maciel (2024) argumenta que o atendimento especializado deve investir no aumento do vocabulário e na compreensão de conceitos abstratos. Para tanto, através de procedimentos de ensino por tentativas discretas, o professor consegue garantir que o aluno identifique uma vasta gama de objetos e ações. Esse repertório linguístico é o que, dará substância ao processo de alfabetização, permitindo que a leitura transcenda a decodificação e se torne um ato de produção de sentido.

Em suma, toda essa estrutura técnica e colaborativa deve estar amparada por uma base ética rigorosa. A aplicação da ABA no contexto escolar pressupõe o respeito à dignidade e à subjetividade do estudante. Sousa *et al.* (2026) advertem que o objetivo do ensino comportamental não deve ser a normalização do sujeito, mas a ampliação de suas possibilidades de agir no mundo, pois cada



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

estratégia de ensino deve ser planejada para elevar a qualidade de vida e a participação social. A alfabetização, configura-se assim como uma ferramenta de empoderamento que permite ao indivíduo expressar sua própria voz e trilhar seu próprio caminho com autonomia.

PERSPECTIVAS ATUAIS E INCLUSÃO

A análise das práticas atuais no AEE revela uma tendência crescente de integração de métodos científicos com abordagens pedagógicas humanistas. De acordo com Barcelos da Silva *et al.* (2022), essa fusão permite que o rigor da ABA seja aplicado de forma lúdica e naturalística dentro da escola. O ambiente da Sala de Recursos Multifuncionais deve ser convidativo e rico em estímulos que provoquem o desejo de aprender. A eficácia técnica não precisa ser sinônimo de um ambiente rígido ou artificial, mas de um espaço planejado para o êxito.

O papel do mediador ou professor de apoio é central para que as estratégias desenhadas no AEE cheguem efetivamente ao aluno na sala regular. Barbosa (2025) aponta que esse profissional precisa ser orientado pelo professor do atendimento especializado sobre como aplicar as dicas e o reforço durante as aulas comuns. Sem essa ponte direta, o aluno corre o risco de ficar à margem das atividades realizadas pelos colegas. A inclusão é um trabalho de equipe que exige coordenação, planejamento e monitoramento constante por parte de todos os envolvidos.

A alfabetização de alunos com TEA deve focar na funcionalidade social, garantindo que a leitura e a escrita tenham utilidade prática. Conforme defende Sousa (2024), aprender a ler o próprio nome, placas de sinalização ou listas de compras são passos vitais para a independência. O currículo de alfabetização no AEE deve ser flexível o suficiente para priorizar o que é mais urgente para a vida do aluno no momento. Essa visão pragmática da educação não exclui o acesso à literatura, mas garante que as bases da sobrevivência social sejam estabelecidas.

A superação de preconceitos sobre o potencial de aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista é o primeiro passo para uma prática docente transformadora. Para Milan *et al.* (2022), a ciência ABA oferece as provas de que, com o ensino correto, qualquer indivíduo é capaz de adquirir novos repertórios. O limite do aprendizado de um aluno muitas vezes é definido pela limitação das estratégias de ensino e não pela sua deficiência. Cabe ao professor do AEE buscar incessantemente as ferramentas que destravem o potencial comunicativo e acadêmico de seus estudantes.



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

MONITORAMENTO E RESULTADOS A LONGO PRAZO

A eficácia das intervenções baseadas em ABA no AEE reflete-se na diminuição gradativa da necessidade de suportes intensivos ao longo dos anos. Sois (2025) argumenta que investir em habilidades fundamentais nos anos iniciais economiza recursos e reduz o sofrimento escolar do aluno no futuro. Dessa forma, uma base bem construída permite que o estudante acompanhe os conteúdos dos anos finais do ensino fundamental com maior autonomia, tornando o trabalho preventivo e estruturado nas Salas de Recursos um investimento direto no futuro cidadão.

Para assegurar essa evolução, no entanto, é indispensável o registro sistemático do comportamento, que permite ao professor ajustar o Plano Educacional Individualizado (PEI) com agilidade frente a qualquer estagnação. Segundo Sousa *et al.* (2026), a análise visual de dados ajuda a identificar se um procedimento de ensino está realmente funcionando ou se precisa de modificações. Essa postura, caracterizada pela humildade científica de alterar a rota conforme a resposta do aprendiz, é o que garante a ética da intervenção, mantendo o foco primordial no progresso do aluno, independentemente de preferências teóricas prévias do educador.

Como consequência direta dessa precisão técnica, a consolidação de repertórios de prontidão para a alfabetização impacta positivamente a autoestima e o bem-estar do estudante autista. Santos Neto (2024) observa que alunos capazes de realizar tarefas acadêmicas de forma independente apresentam menos episódios de ansiedade e maior interesse social. Nesse viés, o sucesso na aprendizagem atua como um reforçador natural que impulsiona o desejo de enfrentar novos desafios, cumprindo a função social do AEE ao devolver ao aluno a crença em sua própria capacidade cognitiva.

Em um plano mais abrangente, a viabilização de um modelo pedagógico eficiente aponta para a necessidade de políticas públicas que garantam recursos e formação de qualidade. Para Andrade, Targino e Lemos (2022), a Educação Especial de excelência não se concretiza apenas com boa vontade, mas sim com investimento contínuo em ciência e tecnologia educacional. O uso da ABA nas escolas brasileiras ainda enfrenta resistências ideológicas que devem ser superadas por meio de debates fundamentados em evidências, reafirmando que o compromisso final da educação é a garantia inalienável do direito de aprender para todos.



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidencia que a aplicação sistemática da Análise do Comportamento Aplicada no Atendimento Educacional Especializado constitui um diferencial para a alfabetização de estudantes com autismo. A transposição de métodos baseados em evidências para a realidade das Salas de Recursos Multifuncionais permite que barreiras históricas de aprendizagem sejam superadas por meio de intervenções técnicas e planejadas. Fica demonstrado que o desenvolvimento de habilidades de prontidão, mediado pelo reforço positivo e pela análise de tarefas, alicerça o sucesso acadêmico e promove a autonomia necessária para o letramento funcional e inclusivo.

Verifica-se que a eficácia dessas estratégias depende intrinsecamente da formação técnica do docente e da sua capacidade de articular o atendimento especializado com o currículo da sala regular. O diálogo entre a ciência do comportamento e a pedagogia escolar deve ser fortalecido para que os recursos de tecnologia assistiva e os suportes visuais alcancem seu potencial máximo. A inclusão efetiva exige que a escola se transforme em um ambiente de sucesso para o aluno, onde cada pequeno avanço seja monitorado por dados e celebrado como um passo rumo à cidadania plena.

Conclui-se que o investimento em práticas fundamentadas na ciência ABA é uma exigência ética para garantir o direito constitucional à educação de qualidade para todos. A superação de modelos assistencialistas em favor de uma Educação Especial técnica e humanizada permite que crianças com necessidades complexas de comunicação encontrem seu lugar no mundo acadêmico. Este trabalho reforça a urgência de políticas de formação continuada que capacitem os professores a utilizar as ferramentas da ciência do comportamento como aliadas na construção de uma escola verdadeiramente democrática e eficiente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Poliane da Silva. **A importância do método análise do comportamento aplicada no processo de aprendizagem do aluno autista**. Ponta Grossa: Atena, 2024. Disponível em: https://cdn.atenaeditora.com.br/atenaeditora/artigos_anexos/202407/rpLc2ht7aqQl92slMigBhvv3KmulEhvjtMbdBPnL.pdf. Acesso em: 2 fev. 2026.

ANDRADE, Lúcio Costa de; TARGINO, Edêlma; LEMOS, Evanice Brígida Cavalcanti (org.). **Salas de recursos multifuncionais e o atendimento educacional especializado: formação, práticas e pesquisas**. Itapiranga: Schreiber, 2022.



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

BARBOSA, Êmili Peixoto et al. **Design de um programa de ensino sobre 9 habilidades básicas comportamentais baseado em análise do comportamento aplicada para educadores de estudantes com transtorno do espectro autista**. 2025. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2025. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/7939>. Acesso em: 4 fev. 2026.

BARCELOS DA SILVA, Cristiana et al. Educação especial inclusiva, processo de alfabetização e transtorno do espectro autista no Brasil: entre o incluir e o educar. **Revista de Educación Inclusiva**, v. 15, n. 2, p. 83-100, dez. 2022. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8722852>. Acesso em: 25 jan. 2026.

MACIEL, Diângela Cardoso. **Atendimento educacional especializado na educação infantil para crianças com necessidades complexas de comunicação**. 2024. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/32796>. Acesso em: 3 fev. 2026.

MARSURA, Nivea Regina et al. O Papel da Família e da Escola na Intervenção Comportamental aplicada no Contexto da Educação Especial. **Interação em Psicologia**, v. 26, n. 3, p. 301-312, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/89310>. Acesso em: 5 fev. 2026.

MILAN, Davi et al. Método ABA como proposta de intervenção no atendimento educacional especializado para crianças com TEA. In: ANDRADE, Lúcio Costa de; TARGINO, Edêlma; LEMOS, Evanice Brígida Cavalcanti (org.). **Salas de recursos multifuncionais e o atendimento educacional especializado: formação, práticas e pesquisas**. Itapiranga: Schreiber, 2022. p. 47-60.

MORAES, Louriane Lindoso. **Práticas pedagógicas com crianças com transtorno do espectro autista: uma proposta de intervenção na sala de recursos multifuncionais de uma creche-escola no município de São José de Ribamar-MA**. 2024. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024. Disponível em: <http://www.tede.ufma.br:8080/jspui/handle/tede/5771>. Acesso em: 26 jan. 2026.

ROSA, Sandra de Oliveira da. **Estudo sobre a análise do comportamento aplicada (ABA) e sua contribuição para a inclusão de crianças com transtorno do espectro autista (TEA), graus II e III, no ensino fundamental I**. 2022. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – Centro Universitário Internacional UNINTER, Curitiba, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/handle/1/905>. Acesso em: 28 jan. 2026.

SANTOS NETO, Linsmar Roberto dos et al. **Utilização de aplicativos móveis para estimular o engajamento de alunos autistas no atendimento educacional especializado – AEE**. 2024. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Sistemas de Informação) – Instituto Federal Goiano, Catalão, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/5099>. Acesso em: 5 fev. 2026.

SOIS, Linkoln Luiz Teodoro. **A integração de práticas baseadas em evidências no contexto escolar: intervenções voltadas a estudantes com Transtorno do Espectro Autista**. 2025. 103 f.



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2025. Disponível em: <https://tede.utp.br/jspui/handle/tede/2088>. Acesso em: 27 jan. 2026.

SOUSA, Domingos de Conceição de et al. A ciência ABA no contexto educacional e sua relevância na formação do (a) professor(a) de apoio de estudantes autistas. **Cadernos Cajuína**, v. 11, n. 1, p. e1771, jan. 2026. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/1771>. Acesso em: 3 fev. 2026.

SOUSA, Luiza Corbucci Filó Dias de. A importância da ciência ABA – As contribuições da terapia ABA na alfabetização em TEA. **Revista Científica Multidisciplinar Lattice**, v. 1, n. 2, p. 1-13, out. 2024. Disponível em: <https://ojs.periodicoslattice.com/latticemultidisciplinar/article/view/22>. Acesso em: 2 fev. 2026.